



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

VISUALIDADE E MESTIÇAGEM NOS CORPOS DE ARDER

Anna Amélia de Faria

UFBA/UnB

annaafaria@uol.com.br

De dois ff se compõe
esta cidade a meu ver
um furtrar, outro foder.

Gregório de Matos



O corpo também pode ser estruturado como uma linguagem. Parodio Lacan para situá-lo como elemento que também produz, reproduz e move linguagens, dentre elas, as ágrafas, pois, quando desnudo, veste, cria. Aos olhos dos outros, tal matéria é sinalizadora e suporte para compreensões compressivas. No entanto, o corpo arde e expõe irredutibilidades nas vontades, nos sentimentos, nada a ver com as mesquinhas sintéticas, sintáticas. É coisa de contrastes e de mais além. Vejamo-lo em trânsito. Abro o texto, na intenção de manejar desfolhamentos inventivos, porque o encontro



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

cria/transforma. Sugiro imagens-registros a respeito dos corpos que aqui estiveram no século XVI, pesco terríveis mixagens decorridas do encontro europeu e indígena, e arrisco alguns efeitos nos dias de agora.

Na pororoca de civilizações tão diversas, há emergências nas impressões reveladoras dos encontros; uma delas seria considerar a hegemonia da visão, realizada pelo belicoso conquistador, como um dispositivo centralizador e amaciador das amplidões, cujo produto amplamente percussivo foi o da dominância, decorrente do ato de registrar, e da implicação do contador estar, mais ou menos, sub-repticiamente, inscrito nas franjas de seus produtos. Por exemplo, Pero Vaz de Caminha e Albert Eckhout, apesar das distâncias temporais (um do século XVI, outro do XVII) entre o escrivão e o pintor, das distâncias entre suas nacionalidades, e de todo corolário que essas mais elementares diferenças suportam; convergiu em ambos a força de serem os confeccionadores das narrativas, de possuírem a autoridade da *visão*. Certas produções vem como medida, na forma de distinguir, comparar, classificar, e, decorre da medida, toda encenação normativa, porque, do padrão haverá a possibilidade de contar as distâncias.

O Frame:

Visão 1

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha (...) E uma daquelas moças era toda tingida, de cima a baixo, daquela tintura; e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) era tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições, faria vergonha por não terem a sua como a dela. (CAMINHA, 39-41).

Caminha compara a genitália das índias daqui com as das europeias. Ao escrever, descreve, demonstrando o olhar atento, que escaneia o corpo feminino, capturando o corpo desnudo. Se ele é o tutor da descrição, a coisa revelada, os corpos, os sexos, os pêlos e cabelos aprisionam os olhos de Caminha. O relevo do monte de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Vênus aparece, como a vergonha alta, através do olhar daquele que a observa. A classificação, implicada na ação descritiva, move-se no terreno da comparação, as daqui, às de lá. O método para promover existência e taxonomias funda-se na palavra demarcadora das diferenças e das suposições, no ou isso ou aquilo, ou essa forma ou aquela, ou uma coisa ou outra, seriação promovida a partir do método... Ou a daqui é limpa e sem vergonha, ou a de lá é envergonhada e não alta, e não limpa.

Visão 2

O colonizador varia com o tempo e o lugar, o comum parece ser a sanha pelo domínio e subsequente exploração, i. é, via-se no outro, em amplo espectro, chances de ganho: na cruza, no trabalho, na terra. Mesmo que haja modificação de telos, conquistar e extrair permanecem, ao longo dos tempos, sendo os grandes objetivos da colonização. No primeiro caso, o relatado pelo escrivão, o intuito era dar a conhecer ao Rei o que aqui parecia-lhe impactante, rico e significativo. Um pouco mais de um século após a Carta de Caminha, o pintor holandês Eckhout, que retratou as paisagens humanas e geográficas, temperou-as igualmente com seu olhar. Retratar o novo mundo significava escalonar os lugares, iluminar partes, criar ambiência pela configuração. A visão não é máquina indiferente ou apenas uma lente que registra. A visão, para aquele que atesta um mundo, explodindo em vida, necessita promover ordenamentos. Por isso mesmo, Eckhout, nas suas pinturas, antecipa, em 50 anos, a tipificação das pessoas que aqui estavam: índios, mestiços, negros, brancos. Tais retratos são, da mesma forma que os apresentados por Caminha, de forte tensão escópica. “A Mameluca, por exemplo, é uma obra especialmente fascinante, pois incorpora e explora as suposições européias sobre o oferecimento e o desejo sexual das mulheres de ascendência racial miscigenada em ambientes coloniais.” (BRIENEN, 2010. p. 19).

Aqui situo a Mameluca como um ciborgue, produto da cruza fundante entre o europeu colonizador e as mulheres indígenas que, nas violências das misturas, instauraram alteridades. O conceito de ciborgue aqui vem como pinça, dobra conceitual,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

misturada às duas produções trazidas: a Carta de Caminha e a Mameluca de Eckhout. Se o artífice oficial cria, de certo modo, à sua imagem ou a imagem das suas questões, o outro não passa ao largo do processo, existe, marca, inscreve-se sub-repticiamente e, paradoxalmente, nos afetos, no desejo, nas palpitações invisíveis. Gilberto Freire, a respeito dos costumes, comenta as maternagens, minorizadas enquanto tecnologias de cuidados (FREIRE, 2003. p. 162-3). Enfim, o outro medra nos gestos invisibilizados, nas referências jocosas, e existe. Apesar das agressões, torna-se necessário estatutariamente. Quem é o outro? Nesse arrolamento histórico, o outro encarna as bordas, guardando em si a mixagem das carnes translocais. Um pé cá, outro lá, relembro FHC ao dizer que também tinha um pé na cozinha, parodiando, mais uma vez, a concatenação freireana. A refração dessas gentes, prósperas nas adaptações, ensina sobre o caráter anormal, inumano e transgressor, em que o outro surge como o irreduzível corpo de arder. A alteridade percute-se, enquanto sombra de um formalismo idealizado, a tempo de ser um elemento não domesticável do jogo, fazendo cena, ao agir noutro circuito.

A coisa ciborgue, coisa colonialista

“[...] Ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades” (SILVA, 2000, p.50). As palavras de Donna Haraway podem indicar a reflexividade entre o ciborgue e o povo inventado, corpos montados em decorrência de uma fruição e de um sistema funcional, cujo resultado foi o mascaramento e/ou apagamento das dicotomias, porque o corpo, o animal e a máquina não se combinam enquanto estatutos fechados, definidos, separados. Ciborgues *avant la lettre*, somos barrocos, produto de idealizações metafísicas, dobradas no encontro dos corpos, agindo “por meio da coalizão – a afinidade em vez da identidade” (SILVA, 2000, p.50). Gingando sempre entre o obscuro e o luminoso, o público e o privado, a educação formal e o deseducado, o religioso e o herético; somos de uma inteligência artificial, na medida em que sabemos que há sempre um outro. Devido ao fato de sermos o país da mistura de *raças*, e elas sempre terem tido posições e valores distintos, as



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

domesticações normativas trouxeram na boca o gosto da hipocrisia: aquele que benzia, trazendo a palavra do Altíssimo, era o mesmo que fodia: “O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé na carne” (FREIRE, 2003. p. 161). Este intérprete do Brasil vê nossa história recente como sendo a de um povo criado e produzido no quente da terra-paraíso, na fricção da indolência e da sensualidade, violência, exuberância, inumeráveis antíteses. Nas palavras de Freyre:

O grande problema da colonização portuguesa do Brasil – o de gente – fez que entre nós se atenuassem escrúpulos contra irregularidades de moral ou conduta sexual. Talvez em nenhum país católico tenham até hoje os filhos ilegítimos, particularmente os de padre, recebido tratamento tão doce; ou crescido, em circunstâncias tão favoráveis. (FREIRE, 2003. p.531)

Desde um relativo e curto tempo de história de Brasil, aprendemos, com a pouca letra, um sofisticado e complexo modo de capitalizar o corpo, na sanha da mistura da hierarquia e da violência; pois, devido à diferença entre povos de distintas regências, tornou-se impossível aos europeus dominarem e submeterem completamente os indígenas que aqui estavam, talvez por dificuldade maior em escravizar aquele que era da terra. Formas de viver mais sabidas já estavam montadas, e sua completa desmontagem para fundar uma nova ordem fora, em parte, inviabilizada pela resistência dos corpos daqueles aparentemente dóceis.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina



O dito *povo brasileiro* sempre entrou em transações históricas nas quais os corpos movimentavam paradoxalmente aceitação, rejeição e resistências. Depois de, em um primeiro momento, o início dessa população dar-se no cruzamento entre colonizador e índias, posteriormente, complementaram a mixagem com a vinda das inúmeras negras africanas jovens, escravizadas para satisfazer os desejos dos senhores de engenho: gente para trabalhar, ocupar espaço. Biopolítica de antanho.

2ª Transação nacionalista

Já no início do século XIX, o Brasil, ao incorporar os preceitos eugênicos, estimulou a vinda de imigrantes brancos. Nossa história e nossa política apostaram, mais uma vez, na troca sexual, encenando, então, motivações eugênicas, i. é, cultivando o ideal de branqueamento. O corpo brasileiro, no entanto, é ente mestiço (outros povos também são hibridados, entretanto, o seu tempo de cruzada mista vai para mais longe, o que apaga as rotas das misturas e cria uma ambiência de pureza), produto das cruzas de grupos distintos, inventado, inventariado inicialmente na movediça trama de letras dos registros europeus que produziram, a partir do século XVI, distintas e, tantas vezes,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

fantasiosas valorações. Muitas dessas valorações compreensivas ainda fazem eco, são versões carregadas de significados, mesmo nos dias atuais, i.é, acredita-se, ainda hoje, que os brasileiros são, essencial e estereotipadamente, inocentes, devassos, (hordas de europeus pagam durante, parte do ano, às companhias de viagem, para os trazerem à *terra sem mal*, onde encontrarão carnes boas e fáceis de comer, pois não possuem uma moral forte e endurecida para fazer frente às suas investidas) sem *Lei, Rei*, preguiçosos, traiçoeiros, etc.

Rumo ao inumano

Na verdade, da verdade nada se pode dizer porque não há. Daí, ultrapassar o território do estereótipo, em busca da *verdade*, seria empurrar o sinal transvalorador do menos para o mais, fazendo circular o sinal recobridor de uma forma, o que também não poderia resolver as questões de essência ou fundo, pois essas são abismos ou universos, e toda palavra, já é sabido, risca sinalizações e não, verdades. Desmontar o jogo serve apenas para delinear a densidade dos investimentos forjadores das formas de viver que recaem sobre a matéria viva, acondicionados outros acontecimentos à técnica, nacionalista, nesse caso, a de foder. No quesito Estado, técnicas mais ou menos legitimadas arregimentam, singular ou coletivamente, os corpos. Entretanto, mesmo que um pé esteja atado à jusante, outras partes se despregam e erram. Daí, refazendo a pergunta de Espinosa, “O que pode o corpo?”, pode-se dizer de inconstâncias, não mais da alma – porque nossa atualidade pretende-se mais materialista –, mas desse corpo apto a tantas transformações, mais ainda, de materialidades difusas, iridescentes, de razões menores. Se há as cooptações em malhas das formas coletivas e das culturas, prontas para o uso, incorporadas a estas, estarão as manifestações erráticas que poderão ou não serem coletivizadas, adicionando-se, às tais possibilidades, potenciais afastamentos da norma.

No entanto, carregamos na memória, no esquecimento, sob as unhas, nas práticas menos solares, a cornucópia de camadas do que nunca deixou de ser, mas deixou de estar computado enquanto prática de superfície, portanto, rumo às



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

excedências, de existência ainda não registrada ou mapeada, porque o metro invariavelmente diz mais sobre quem o inventa. Assim, considerando as pequenas e grandes derrapagens e escapadas, arrisco-me, entretanto, a dizer que outros modelos sensíveis existem, resistem, a partir das distintas e deseducadas realidades. Vejamos: entranhadas em nós, remexendo-nos, habitam outras culturas: de ácaros, na flora intestinal, cravos, gestos sem nome, “minhocas na cabeça”, cada um sendo e produzindo seu umbigo, seu corpo, seu mundo. Indiferentes, inexistentes à ordem, enquanto portadores de um valor inequivocamente positivo, as microcriaturas que resistem à História e habitam, ardentes, a natureza moderna dos campos e das cidades, atravessando-os por meio de suas respectivas microculturas, são os rebeldes dos esquemas, em seu hedonismo e na não - funcionalidade.

Multidisciplinarmente, desenhado em cavernas, evidenciando determinados atributos, velado, encoberto, amaldiçoado, imolado, revelado, exposto, “bombado”, “sarado”, esculpido pelas técnicas cirúrgicas, transcendendo na posição de lótus, bem vestido, andrajoso, histórico, oloroso, fétido, queerizado, a matéria e as histórias do corpo vêm sinalizar uma quantidade indizível de estímulos a cada apresentação; na unha comprida ou curta, no cabelo liso ou “pranchado”, nas feições indiciais, ele surge, intermitentemente, como suporte senciante, ético, estético, comunicante.

Se, num primeiro momento, a borda - que recobre identificando - decorre da decisão do outro, e de respectivos mecanismos de nomeação e circunscrições; num segundo momento, será entendida como identidade própria, mas certamente, isso não é tudo. Ao largo do termo *identidade*, existem pulsações; o mundo panorâmico, extra e/ou intra, seduz, inculcando e se transformando, de maneiras solares ou não, aquele que o habita.

Consideremos, como sinal dos tantos encontros transfiguradores, o impulso intestino de cambiar, e, numa das faces dessa variação, a possibilidade de modificar a imagem física, com os seus deslocamentos vinculados à perda da memória individualizadora. Se os corpos foram, como demonstrado, montagens decorrentes dos desejos de riqueza, e de outras políticas maiores, há as menores que o transformam, e essas são elementares aos processos dos seres vivos. No âmbito do topo hierárquico, a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

norma, mesmo que traga um *semblant* naturalizado e inexorável, é apenas o resultado de um processo, e assim também ocorre no curto período da vida dos seres. Portanto, parece haver uma brincadeira implícita em constatar que a norma, aquilo que vem enquanto certeza, é mudança, pois está no rol dos processos, coisa transitiva que necessita dos objetos de ancoragem. Mais ainda, parece que a criação dos mais diversos modos de viver e produzir, não mais refuta tais ondas de desnaturalizações, e incorpora a mudança; assenta-se, incluindo o monstro, a loucura, o que era forçado às margens, à invisibilidade. Quem sabe o engano da atualidade não esteja agora em esperar haver possibilidade das cartas ficarem expostas à mesa? Por mais que haja muitos ditos pretensiosamente claros, outros eclipses se processam, pois é da essência do jogo certo nível de arbitrariedade. Os corpos de arder, bem como os demais, podem tudo, pois como todos, os corpos estão recapados de invenções e histórias, suplementando e excedendo incessantemente os provisórios padrões.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Referencias:

BRIENEN, Rebecca Parker. *Albert Eckhout: visões do paraíso selvagem*. Obra completa. Trad. Julio Bandeira. Rio de Janeiro: Ed. Capivara, 2010.

CAMINHA, Pero Vaz. *Carta a El Rey D. Manuel*. Transcrita e comentada por Maria Ângela Villela. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2000.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2002.

FREYRE, Gilberto. Capítulo II, O indígena na formação da família brasileira. In: *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Ed. Global, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.